



REDES E RENDAS: TÉCNICAS E GÊNERO EM RAPOSA/MA

Simone Miranda Soares ¹

O desafio colocado aqui é algo muito profundo. A escolha de temas, lugares, assuntos, problemas de pesquisa nunca é descompromissada. Admito sim, e sem nenhum receio, que escolhi estudar as relações de gênero no chamado “mundo da pesca” por causa de questões pessoais e cosmológicas. Pessoais porque, sendo eu uma ilhéu (fui criada em São Luís/MA), o meio hídrico foi fascinante para mim, sempre me atraiu como a um imã. Não sei explicar se existe algo de transcendente nisso ou se é uma simples curiosidade quase infantil. O certo é que viver tão próximo da água, do mar, me parecia (parece) algo de alguma maneira encantador e comum.

Por outro lado, as razões que eu chamo aqui de cosmológicas se referem à experiência corpórea no mundo no que tange às relações de gênero. Sinto como se nunca as entendesse, como uma impressão interna de desencaixe, como se elas, ao mesmo tempo em que me aprisionassem em um corpo previamente inscrito, não fizessem sentido algum em minha experiência mundana. Isto porque, não tive uma educação feminina usual, parodiando Simone de Beauvoir, parece que não me ensinaram como *tornar-me* uma mulher de verdade.

Sou a segunda filha de uma professora, mãe solteira, que criou sozinha as duas meninas depois do término precoce de um casamento. Numa família tão feminina faltou a feminilidade usual porque, dedicada à árdua tarefa de sustento e educação de duas filhas, minha mãe se ausentava constantemente e nos deixava numa liberdade pueril de comunidade de baixa renda da periferia, onde as brincadeiras eram sempre coletivas e másculas. Quando ela estava presente, priorizava a disciplina e a correção, não sobrando tempo para coisas mais ‘inúteis’ como ensinar como uma mocinha devia portar-se. Assim, experimentei, pelas contingências da vida, diversos conflitos, externos a minha educação de casa, que eu poderia chamar hoje de conflitos de gênero. Não entendia o problema que o fato de ser mulher me colocava desde muito cedo. Vivia como se fosse igual, estranhava sempre quando era confrontada com situações onde as marcas de gênero se faziam presentes.

De alguma maneira, penso que isso possa ser creditado a minha classe social de origem ou a estrutura familiar, porém, e desconfio que, de alguma forma bem presente, atributos de gênero não são processados por todas as pessoas, em todos os lugares onde existam homens e mulheres, onde existam diferenças sexuais morfológicas, da mesma forma, se eles o são. Concomitantemente a isto

¹ Mestranda do PPGAS/UNB.



e com os mesmos conflitos apontados por minha xará francesa na primeira metade do século XX, é aqui que se encaixam os Estudos de Gênero e a Antropologia.

De alguma maneira, minha sensação constante de desencaixe no mundo levou-me aos Estudos de Gênero ainda na graduação. Na busca desenfreada por entender as experiências da vida, percebi, com a ajuda de diversos mestres que me auxiliaram nessa tarefa existencial (sim, é essa a função áurea de todo professor), que ao mesmo tempo em que conhecia aquilo que se chamava de mulher universal (Cf. ROSALDO e LAMPHERE, 1979)², cujos problemas poderiam ser localizados em todo tempo e em todo lugar, estas descobertas não ‘aliviaram’ a minha sensação de desencaixe. Continuava a não identificar minha experiência sensível/corpórea de mulher em todas aquelas mulheres teóricas (Cf. DE BEAUVOIR, 1970) que os Estudos de Gênero me apresentavam. Na pós-graduação decidi levar a busca às últimas conseqüências, e era na Antropologia que me parecia que, pela radical relativização cultural, poderia dar conta dessa procura pessoal e cosmológica.

Eu havia estado em Raposa aos 13 anos de idade³. Dessa época tinha lembranças da Rua Principal, das palafitas, do porto, da feira de peixe e das casas de venda de renda. Quando precisei fazer um recorte para a pesquisa de dissertação de mestrado, me veio à imagem das peças de renda de filé e me ocorreu sua semelhança com as redes de pesca. O traçado básico desta renda é o mesmo das redes. A partir dessa constatação visual dos artefatos e, influenciada pelos estudos sobre técnicas do prof. Dr. Carlos Sautchuk (DAN-UNB), resolvi estudar as técnicas de fabricação de redes e rendas em Raposa. Uma vez que as mulheres da comunidade se ocupam da fabricação de rendas e os homens da fabricação e remendo de redes de pesca, poderia existir uma diferença ontológica entre homens e mulheres determinadas por suas habilidades técnicas?

Devo salientar aqui, que o enfoque parte das relações técnicas em analogia com as relações de gênero. Isto porque uma das maneiras mais clássicas das polarizações de homem/mulher foi a de suas distintas habilidades técnicas. Dicotomias calcadas na ênfase em distinções de fazeres e espaços. Considerou-se a partir dos estudos em comunidades pesqueiras que estas polarizações de

² Nesta obra de referência sobre os estudos da mulher e de gênero, as autoras se baseiam na idéia de existência de uma sujeição universal da mulher em relação aos homens e procuram, nos vários artigos do livro, demonstrar e debater este fato.

³ Raposa é uma comunidade em que rendeiras e pescadores vivem e trabalham. Localizada entre as praias de Carimã, ao leste, e Cocal, a oeste, situando-se em frente à Ilha de Curupu, dentro da Grande São Luís no Maranhão. Os moradores são originários do Estado do Ceará, especialmente da praia de Acaraú, donde vieram para o Maranhão no início da década de 1950 em busca de novas áreas de pesca (Cf. SILVA, 2004). Estes pescadores e suas famílias habitaram o povoado que se tornaria município em finais dos anos 1990. Assim, construíram palafitas – casas fabricadas em madeira e suspensas sobre o mangue – onde é hoje a Rua Principal. Os dados empíricos referidos neste artigo fazem parte do diário de campo por mim produzido no referido município entre dezembro de 2009 e março de 2010 e fazem parte das reflexões para a pesquisa em andamento.



gênero eram potencializadas devido a atividade relacionada com a pesca ser exclusivamente masculina e, atividades domésticas, pequenas pescas, pequena agricultura e, eventualmente a fabricação de redes de pesca serem atribuídas às mulheres (Alencar 1993, Motta-Maués 1993, Furtado 1980, 1993, Diegues 1983, Woortmann 1992). Dessa forma, as sociedades tradicionais praianas sempre representaram um campo propício a estas polarizações. Como afirmou Maués (1999), em texto síntese sobre os estudos da pesca e gênero, há uma profunda invisibilidade da mulher nas sociedades pesqueiras em estudos realizados desde os anos 1970 até os anos 1990. E sempre quando elas apareciam, eram mostradas de forma subalterna à principal atividade economicamente reconhecida da pesca e, conseqüentemente aos homens.

Para Woortmann (1992), há uma relação entre os espaços, a construção de gênero e a condição feminina. A autora coloca que o pesquisador só replica o discurso público do grupo estudado que é identificado com a atividade da pesca masculina, deixando de lado o discurso privado, silenciando as mulheres. A classificação geral de gênero em comunidades de pescadores, diria Woortmann (1994), é relacionada a uma *mais geral que opõe mar e terra* a qual convém à identidade geral do grupo e ao discurso público, onde essa identidade se funde a masculina. Isto se deu, penso eu, devido às análises se concentrarem nas atividades economicamente reconhecidas (no caso a da pesca) e, com isso todas as dicotomias facilmente identificadas se colocam como lugares comuns (como o público/privado, político/doméstico, fora/dentro, mar/terra, etc) como um senso comum teórico analítico.

Arrisco a afirmar que estas são elaborações que possuem gênero, privilegiam um gênero e encontram palavras que servem para apagar a metade do coletivo destas comunidades e condená-las sempre a uma condição de subalternidade. Assim, quando se diz que o discurso público se identifica com o discurso do pescador, da atividade pesqueira, trabalha-se com uma noção de público limitada ao masculino, como se o feminino não constituísse um 'público' também. Por outro lado e ao mesmo tempo, limita-se o privado ao universo identificado com as mulheres como se os homens também não o compoisse.

Em Raposa foquei atividades manuais realizadas tanto por homens quando por mulheres; mulheres fazendo renda e homens remedando ou tecendo suas redes. Com esse olhar sobre as ações cotidianas, percebi que ambos estavam envolvidos na mesma atmosfera de trabalhos manuais com linhas, habitavam este momento/ambiente técnico nas portas de suas casas em longas tardes de calor. Homens com redes, mulheres com rendas. Neste espaço as fronteiras entre público e privado se borram, as polaridades são complexificadas e os papéis de gênero podem ser vistos mais



distantes dos desencaixes produzidos pelos papéis sociais ou mesmo uma divisão sexual do trabalho. Assim podemos considerar que existem momentos onde ambos habitam o mesmo espaço e compartilham atividades análogas.

No referido texto de Maués, a autora denuncia também o estrabismo de pesquisadores que foram nas comunidades pesqueiras e não viram as mulheres negando-as a sua identidade. Para ela o problema estaria aí, na construção de uma identidade. Isto porque ela situa nos estudos femininos uma ‘evolução’ da constatação/denúncia da sujeição feminina versus a dominação masculina para uma ênfase na identificação, valorização de uma correspondência complementar entre mulheres e homens. Este é um passo importante, porém quero pensar para além da correspondência complementar de homens e mulheres e para além das identidades. Por isso Alencar (1991: 68) problematiza a questão em seu estudo sobre as pescadeiras da ilha de Lençóis, demonstrando a necessidade de se repensar o conceito de pesca para incluir a pequena pesca feita pelas mulheres.

O fato é que a maioria das autoras afirmam a pesca como um espaço masculino (Motta-Maués 1993, Furtado 1980,1993, Diegues 1983). Como Alencar, creio que é necessário repensar o conceito de pesca. Mais ainda, é necessário repensar o conceito de ‘sociedade pesqueira’ porque o problema maior não está em não incluir as atividades das mulheres, mas ao nomear a própria sociedade como pesqueira concentra-a na atividade masculina, apaga-se as mulheres e suas atividades. Se as mulheres fazem parte destas ‘sociedades’ então seria importante chamá-las de outra forma; *comunidades tradicionais praianas*⁴ ou, no caso de Raposa, *sociedade de renda-pesca* ou *comunidades de malhas*. As mulheres estão numa situação de desencaixe na nomenclatura de ‘sociedades pesqueiras’.

Não se trata de revelar representações sobre homens e mulheres, mas de perceber os lugares ou papéis desempenhados por ambos dentro do ambiente técnico do fazer manual a partir de suas ações. Pretendo compreender as relações homem/mulher que se desenvolvem no contexto da terra, quando o pescador está em casa, no ambiente em que ele participa ativamente das atividades que envolvem linha e habilidades manuais. Quero entender suas atividades técnicas, nesse contexto, como uma realidade cujos sentidos iluminam a respeito das ditas diferenças de habilidades que, por muito tempo, essencializaram as diferenças de gênero.

⁴ Prefiro, dentre estas sugestões, o termo que inclua a praia por ser este representativo de um acidente geográfico que está no limite entre o mar e a terra, uma região de fronteira que demonstra bem a idéia da liminaridade entre homens e mulheres, entre estes e suas atividades técnicas e, entre estas atividades e todos os elementos e artefatos que as compõem. Limito-me aqui a situar esta nomenclatura a sociedades de pesca marítima (como Raposa), percebendo que ribeirinhos talvez seja um termo adequado a ‘sociedades pesqueiras’ de rio.



Assim, pretendo sugerir *semelhantes diferenciações* ou *diferenciações assemelhadas*⁵ no intuito de analisar não só uma complementaridade técnica entre homens e mulheres, mas também a despolarização dos pares, a integração dos ambientes público e privado e das habilidades no contexto das ações técnicas manuais em Raposa. Assumindo uma perspectiva parcial e a continuidade entre as partes.

Em Raposa, há uma considerável comunidade de rendeiras, elas (esposas de pescadores) fabricam rendas de filé e bilro. A renda de filé é tecida como uma rede de pesca, produzindo *malhas* (losangos de linhas). Usa-se uma *tabuleta* retangular - artefato de madeira onde se apóia a linha para formar os espaços das malhas e ajudar no manuseio dos nós que se formam – e com a ajuda de uma *agulha* vão se produzindo o movimento de amarração a fazer nós duplo e triplo. Esta *agulha*, também de madeira lisa, possui um formato helicoidal, mede uns quinze centímetros e possui em seu eixo um suporte pontudo onde fica enrolada a linha. O movimento da *agulha* é de coser a linha a partir de seu próprio eixo. Repete-se continuamente o movimento até produzirem-se *malhas* suficientes de acordo com o tamanho da peça. No caso da renda, depois dessa fase de fabrico das *malhas* de rede, coloca-se a peça presa em um pequeno tear manual – um quadrado vazado de madeira com pregos nas bordas virados para dentro onde se prende a ‘rede’ a ser decorada. Nesta etapa se usará outra linha (muitas vezes coloridas) com uma agulha de crochê – de aproximadamente quinze centímetros, de alumínio –, num gesto manual de pinça a passar por entre as malhas a agulha e a linha na operação de se produzir desenhos e figuras que servem de ornamento para a renda. Por fim, retira-se a peça do tear e, dependendo do tamanho desejado, emenda-se com outras partes que passaram pelo mesmo processo.

⁵ Estes termos buscam demonstrar como podem ser relativizadas tanto semelhanças quanto diferenças. Se, por um lado a tradição sociológica clássica, de corrente durkheimiana, sempre buscou identidades concentradas em semelhanças ontológicas e diferenças identitárias (homens semelhantes a homens e diferentes de mulheres), numa atmosfera em que unidades e fronteiras se impõem formando dicotomias e potencializando polaridades. Procuro pensar numa semelhança entre dicotomias (do homem com a mulher) e das ações técnicas articulando infinitas possibilidades de diferenciações descoladas de corpos como representações e ligadas a corpos como meios técnicos (refiro-me as variações de modos de fazer, de homens não-pescadores, de mulheres que não tecem, de homens vendedores de renda, mulheres que tecem redes e as concertam, etc). Esses aspectos serão analisados futuramente na presente pesquisa em andamento e, ainda precisam de maior constatação, averiguação e dados.



Fabricação de renda de filé. Fase de ornamentação no tear manual



Agulha de tecer rede e renda de filé que é utilizada para remendo de redes também

O fato é que a primeira parte desta operação técnica é idêntica a da fabricação de redes de pesca. Poderíamos afirmar que a renda é uma pequena rede. As redes de pesca são tecidas por homens e eventualmente por mulheres. No passado, antes do desenvolvimento do comércio de rendas, as mulheres só teciam redes, agora passaram a produção quase exclusiva de rendas, deixando para os seus maridos os cuidados com as redes. Dessa forma vemos claramente uma proximidade, uma adequação técnica, um encaixe entre homens e mulheres.



Renda de filé pronta



Rede de pesca a ser remendada

O movimento de entrelaçamento, de manipular linhas me levou a pensar num mundo percebido pelas mãos e, entender essa gramática dos gestos é meu maior desafio. Nesse sentido, esta gramática corporal pode nos informar sobre o caráter das relações homem/mulher problematizando os lugares de gênero. Através dos ofícios manuais há modos de ser no mundo, e esses modos (pelo menos neste momento) nos sugere que homens e mulheres habitam o mesmo ambiente técnico doméstico e dividem habilidades análogas.

Quero entender a dimensão cosmológica do *tecer* oriunda das relações com o meio e seus universos práticos sem a distinção entre o social e o técnico (Ingold, 2000). Os mecanismos de engajamento com o mundo, no caso empírico que envolve rendeiras e pescadores, são justamente a manipulação da linha, cuja atividade engloba tanto homens quanto mulheres, como agentes perceptivos e ativos em seus ambientes. Mesmo com o fato de homens não serem vistos no domínio do fabrico de tecidos rendados e mulheres não viajarem para pescarias no mar, há ambientes em que compartilham e integram o mesmo sistema técnico, nas mesmas habilidades manuais. Ambos estão igualmente englobados por um *clima* que confere a este cenário um acoplamento mútuo entre organismos-pessoas, atividades manuais, gestos, ambiente de quietude, concentração, artefatos de toda ordem (tanto produtos – redes e rendas – quando produtores – bilros e agulhas).

Ainda no cenário descrito nesta pesquisa, podemos perceber que, dentro das técnicas de fabrico de rendas e conserto de redes, se identificam vários outros atuantes que não os humanos. Estou refletindo, através da sistematização dos dados e da elaboração de uma Cadeia Operatória dos processos técnicos que envolvem a fabricação de rendas de bilro e filé e do tecer e remendar de redes, a respeito da agência dos artefatos em dois níveis; 1) os que estão envolvidos no fabrico – agulhas, bilros, linhas e teares, e 2) os que são o ‘resultado’ desses processos técnicos – redes e rendas. Há uma teia de relações ampliadas que envolvem todos estes elementos (incluindo os



humanos) nos níveis oficina (os artefatos que participam da ação de fabrico; agulha, linha, tear, almofadas, bilro e etc) e comércio (redes, rendas e peixes). Sobre a ação dos objetos, Bruno Latour (2008) propõe concentrarmos nossas análises sobre as controvérsias entre atores que possuem agência. Estas são determinadas por qualquer ente que modifica, com sua presença e ação, um estado de coisas.

Sugiro que homens e mulheres estão envolvidos, relacionados e acoplados às suas ações técnicas de maneira intrínseca. A separação destes ambientes (de casa e do mar) revela, num momento determinado, dois mundos ontologicamente distintos, mas, pela interação manual e sensitiva compartilhada num outro momento, cujos universos englobam corpos (femininos e masculinos), linhas, trançados, silêncio, concentração e habilidades manuais, revela-se uma proximidade técnica, um universo compartilhado de ações e percepções. Os gestos envolvem homens, mulheres e linhas aproximando-os de forma a sugerir uma semelhança técnica potencial entre os gêneros.

Assim, o objetivo não estaria em determinar papéis e lugares de gênero de forma estática, concebendo o corpo como algo dado, imobilizado e determinado pela sua aparência morfológica, o desafio estaria em pensar o fluxo, o trânsito e as interações de seres envolvidos em ambientes particulares e em suas ações. Dessa forma a experiência corpórea do mundo de pescadores e rendeiras encontra-se nesse movimento.

As ações semelhantes entre as técnicas são demonstradas pela operação de produção da renda de filé e da rede de pesca. A renda é fabricada como uma rede, com uma agulha formando malhas, só que a partir de elementos distintos (linhas de algodão, no caso da rede, linhas de náilon), mas o processo técnico é ampliado pelo uso do tear manual para a feitura da decoração da renda. Leroi-Gourhan (1971) em estudo clássico sobre as técnicas percebe que os modos de ação sobre a matéria, os gestos é que caracterizam as técnicas; eles articulam os diferentes elementos e os relacionam. Dessa forma, no caso das técnicas em Raposa, redes e rendas operam a partir de princípios semelhantes os modos de ação de rendeiras e pescadores sobre a matéria.

Por fim, devo reconhecer que os estudos sobre Gênero e a Antropologia abriram horizontes interessantes na minha experiência mundana, agora de adulta pesquisadora, sobretudo no sentido de não ter como dado este corpo previamente inscrito, suas formas e relações são muito mais complexas do que as dicotomias podem nos revelar. Os ditos atributos de gênero não são processados em Raposa de forma tão automática identificando em sociedades praianas espaços separados de homens e mulheres. No desencaixe pessoal e cosmológico encontrei uma forma de



reconhecer que, muitas vezes não são as experiências cotidianas que nos deslocam profundamente de nossa sensação existencial, mas, pode ser que os discursos produzidos pela sociedade de modo geral é que não se encaixam com as experiências vividas.

Bibliografia

- ALENCAR, Edna F. **Pescadeiras, Companheiras e Perigosas. Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis.** Brasília:UnB (dissertação de mestrado), 1991.
- , 1993, “Gênero e Trabalho nas Sociedades Pesqueiras”, FURTADO, L. G., W. LEITÃO, e A. F. de MELLO (eds.) in **Povos das Águas, Realidade e Perspectivas na Amazônia.** Belém: MCT/CNPq/Museu Goeldi, 1993. p. 63-81.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – 1. Fatos e Mitos.** 4ª ed. São Paulo: Ed. Difusão Européia de Livros, 1970.
- DIEGUES, Antônio Carlos S. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar.** São Paulo; Ática, 1983.
- FURTADO, Lourdes G. **Currallistas e Redeiros de Marudá: Pescadores do Litoral do Pará,** São Paulo, (dissertação de mestrado) USP, 1980.
- **Pescadores do Rio Amazonas,** Belém, Museu Goeldi. 1993.
- INGOLD, T. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill.** Londres e Nova York; Routledge, 2000.
- LATOURET, Bruno. **Reensamblar lo social: una introducción a La teoría Del actor-red.** Buenos Aires: Manantial, 2008.
- LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e Técnicas – I O Homem e a Matéria.** Edições 70, São Paulo: 1971.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **“Trabalhadeiras” & “Camarados”:** Relações de Gênero, Simbolismo e Ritualização numa Comunidade Amazônica, Belém, UFPa. 1993.
- . **Pesca de homem/peixe de mulher(?):** Repensando gênero na literatura acadêmica sobre Comunidades Pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, Vol. III (2), 1999, pp. 377-399.
- ROSALDO, Michelle Z. e LAMPHERE, Louise. (orgs.) **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979.
- SILVA, Carlos Alberto C. **A Criação do Município de Raposa/MA e as Relações Oligárquicas no Estado do Maranhão,** São Luís. dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas/ UFMA, 2004.
- WOORTMANN, Ellen F. **“Da Complementaridade à Dependência: Espaço, Tempo e Gênero em Comunidades ‘Pesqueiras’.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18, 1992, p. 41-61.



_____. John SYDENSTRICKER-NETO, e Donald R. SAWYER. **Gênero e Meio Ambiente na Amazônia Brasileira**. Bibliografia Comentada, Brasília, UnB/USAID. 1994.